



**AS ANTINOMIAS DO ROLEZINHO:
AGENCIAMENTO DAS VOZES DO #PROTESTODOSPINTAS EM NATAL¹**

GT14: Discurso e Comunicação

Daniel Dantas Lemos.²

Universidade Federal do Ceará

danieldantas79@uol.com.br

Maria das Graças Pinto Coelho³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

gpcelho8@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta elementos discursivos postos na circulação dos significados sobre o #ProtestodosPintas, em Natal (RN). Foram coletados 340 tweets publicados por 181 usuários de 14 a 31 de dezembro de 2013. O rastreamento se ocupa em identificar o padrão de conversação da rede de tweets, principalmente daquelas que ocupam a centralidade dos acontecimentos, a partir da releitura dos textos linkados para direcionar a compreensão sobre os protestos. A

¹ Artigo apresentado ao Grupo Temático 14, Discurso y Comunicación, do XII Congresso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de las Ciencias de la Comunicación, a ser realizado de 6 a 8 de agosto de 2014, em Lima, Peru.

² Bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); mestre e doutor em estudos da linguagem pela UFRN. Professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

³ Bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); mestre e doutora em educação pela UFRN. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

sistematização analítica aponta como eixos caracterizadores destes tweets a emergência de nós (hubs) rizomáticos que criam constructos sociais acerca dos acontecimentos. Discurso e linguagem confundem-se com situações específicas em que se manifestam relações sociais que apontam para as relações de poder que se estabelecem na rede. A tensão analítica apresenta construções narrativas que se prestam a direcionar os enunciados, mesmo que a observação se localize em um dispositivo que, hipoteticamente, promoveria a comunicação horizontal de muitos para muitos.

Palavras-Chave: Análise de circulação. Agenciamento. Ação Comunicativa. Discurso.

Introdução

Com quê? Com vinho, poesia ou virtude, a escolher. Mas embriaguem-se.
(Baudelaire, 2004)

Nos dias de hoje nenhum observador da mídia pode descartar o ilocutório, pressupostos implícitos e não discursivos, presentes na ação comunicativa. Principalmente se acompanha, como flâneur cibernético, as novas invenções sociotécnicas que, com seus direcionamentos interativos, nos colocam a seguinte questão: qual o caráter social da enunciação? De qual lugar, e quais os fatores sociais que influenciam e permeiam a fala do sujeito que produz, de forma rizomática, hubs no twitter para direcionar as palavras de ordem de uma ação política no ambiente virtual? Ao observarmos os enunciados na pesquisa em curso, identificamos o lugar da autoridade que produz os hubs na rede, direcionando o processo de significação em mídias digitais, individuais, conforme critérios e valores que, na maioria das vezes, afastam-se da lógica proposta pelos sujeitos da ação que está sendo anunciada.

Dessa forma, deparamos-nos com a “descodificação” e a “desterritorialização” que Deleuze & Gattari (1995, p. 16) apontaram como sendo condições de processos circulares, quando expressam um conceito próprio sobre o enunciado: o de agenciamento. O conceito surge referendado na análise do discurso indireto, o que não privilegia a significância ou a intersubjetividade, mas sim uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), que produzem palavras de ordem.

As cenas são explícitas em agrupamentos no twitter, que produzem nós na rede, e repetem as palavras de ordem que em si são redundâncias sem qualquer relação de identidade com o ato interior imanente do sujeito ou com as ações que estão sendo propostas pelo grupo - no caso analisado, o #ProtestodosPintas, que aconteceu em Natal-RN, em dezembro de 2013 e que por alguns momentos ocupou jovens de periferia em um movimento que deveria ser lúdico, esbanjar sociabilidade e pertença, mas que ao ser interpretado pelas autoridades da rede é transformado em um regime de signos que preconiza o preconceito e o estranhamento contra um devir identitário.

O caráter social do enunciado deriva de um “agenciamento” complexo e coletivo da palavra de ordem que o identifica e indica a redundância do ato, ou da ação, que é a nota própria das atividades humanas em sociedade, ainda, segundo Deleuze & Guattari (1995). Pensar o hashtag (ou tag), quando a palavra de ordem surge com o sinal do jogo da velha, #, antes do enunciado, aproxima o conceito de agenciamento dos autores com a compreensão do modo de argumento dos usuários-atores das redes digitais, mas também releva o constructo social que é produzido pelos porta-vozes dos protagonistas da ação comunicativa .

Deleuze e Gattari (1995) afirmam que “os jornais, as notícias procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é ‘necessário’ pensar, reter, esperar, etc” (p. 16-17). Dito isso, podemos comparar o agenciamento da palavra de ordem

das autoridades que se entrelaçam nos hubs com as tags dos atores-telas que protagonizam a ação do #ProtestodosPintas? Talvez não. Embora o todo atravesse ambos os conjuntos, um grupo faz a micropolítica de fronteiras – sabe-se que as coisas se passam na interação lúdica com os objetos de consumo. Essas manifestações são corpóreas, públicas e explícitas, beiram o profano na tese da biopolítica de Agamben (2004). Os agentes da nova ordem estão presentes em suas expressões enunciativas. O outro, a autoridade que se investe de porta-voz do protesto tende a estimular o receptor-consumidor usando um teatro de máscaras para fazer a macropolítica dos grandes conjuntos, mesmo que a comunicação de ambos se desenvolva no agenciamento das ideias.

Temos já aí um axioma que parece ser importante para os estudos de Comunicação – pois reitera uma constatação frequente: o componente comunicacional é um processo influente nas ações cotidianas dos sujeitos sociais. E a efetividade dessa comunicação e seus desdobramentos podem estar diretamente relacionados à eficácia dos processos de enunciação e agenciamento, independente de existir ou não interação entre os participantes diretos e indiretos.

O protesto ou um grito dos quase excluídos, que na realidade foi um flash mob da periferia de Natal (RN) realizado em 21 de dezembro de 2013, deixou de ser um movimento difuso de diversão e política para se transformar em um fenômeno de divisão social, estranhamento e preconceito radical contra a reinvenção das sociabilidades. O espaço híbrido – entre o virtual e o rela - de intervenção social que é a internet, transforma-se em um campo de batalha e surge a voz da autoridade que é contra o estar juntos de um jovem que emerge de um lugar distante do centro, onde habitam jovens da classe média verdadeira. A voz se impõe por representar um constructo de valores que privilegia gostos e valores da classe média tradicional. Demarca uma linha invisível que não reconhece os novos espaços de sociabilidades criados pelos jovens de baixa renda.

Ironicamente, o espaço das redes sociais digitais, as mesmas que são usadas por estes jovens para se agruparem motivados pelo encantamento em compartilhar signos de consumo, são transformadas em padrões de enunciados preconceituosos sobre seus hábitos de classe, formas de estar juntos e de compartilhar signos de consumo juvenis.

E se por um lado é possível afirmar que a internet introduz inúmeros atores sociais, os denominados atores-telas, provocando assim a dispersão do monopólio do discurso da mídia corporativa; por outro lado, surgem novos protagonistas midiáticos, que investem na diferença e conseguem construir o discurso da autoridade. Seja por traduzirem enunciados de preconceitos ou estranhamentos diante dos sucessivos acontecimentos que nos paralisam, até mesmo por serem indecifráveis, seja por continuarem representando e reproduzindo a ordem social vigente, como parte de um constructo de valores que resgata o lugar da produção social da notícia no cotidiano das redes digitais.

Lugar dos objetos

Este é o panorama da pesquisa o #ProtestodosPintas, em que foram coletados 340 tweets publicados entre os dias 14 e 31 de dezembro de 2013. A coleta foi realizada no dia 31 de janeiro de 2014 utilizando como ferramenta de busca e filtragem aquela disponibilizada no site da rede social, a partir dos seguintes parâmetros: #ProtestodosPinta, Protesto dos Pinta, #ProtestodosPintas, Protesto dos Pintas, #midwaymall, Midway Mall.

Importa considerar a possibilidade de outras postagens no twitter terem tratado do assunto mas sem referir quaisquer dos termos citados, o que impossibilita, por sua vez, sua presença em nosso corpus.

Outra observação a ser feita diz respeito ao fato de que os critérios de busca #midwaymall e Midway Mall indicaram várias publicações sem relação com o nosso objeto de estudo que restaram descartadas pelos pesquisadores.

O Protesto dos Pintas foi marcado para o sábado, 21 de dezembro de 2013, no Shopping Midway Mall, em Natal. Tal manifestação foi motivada pelos relatos de diversos sujeitos em redes sociais de que no sábado anterior, dia 14 de dezembro de 2013, os seguranças do referido shopping center impediram o acesso às dependências do estabelecimento de jovens negros e vestidos de acordo com o estereótipo dos chamados “pintas”. Em virtude dessa cronologia nossa opção por recortarmos como corpus as publicações no twitter entre os dias 14, quando ocorreu o episódio desencadeador, e o dia 31, a fim de podermos abranger a totalidade das manifestações a respeito dos eventos dos dias 14 e 21.

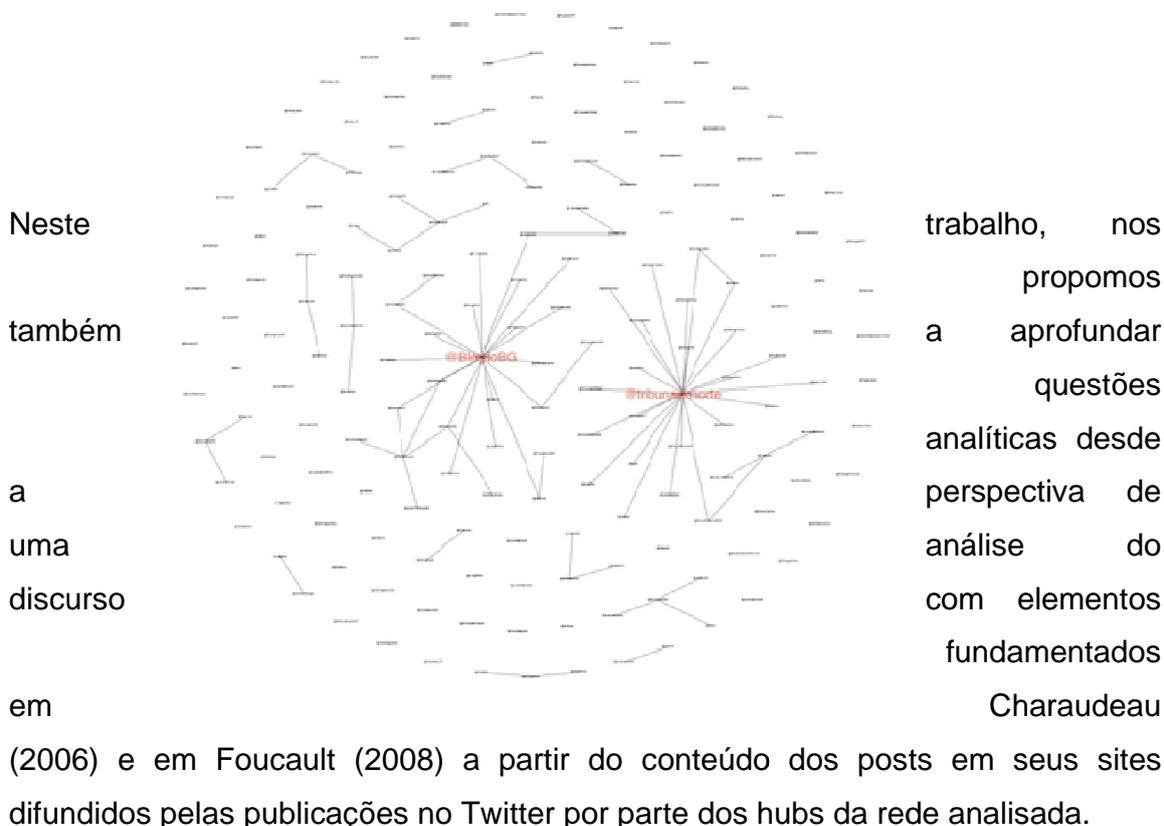
São conhecidos como “pintas” em Natal, cidade do Nordeste brasileiro, os jovens negros de periferia, normalmente reconhecidos por um ethos que inclui uma vestimenta característica, gosto musical, adereços e modo de andar e dançar. É o sinônimo natalense para o maloqueiro de outras regiões do país - e, no momento atual, identificados como “rolezeiros” devido à emergência do fenômeno dos “rolezinhos” em shoppings. Pinheiro-Machado & Scalco (2012) analisaram o que chamavam de “bondes de marca” na cidade de Porto Alegre, observando com olhar etnográfico os jovens do Morro da Cruz, tida como a maior comunidade de classe baixa da capital gaúcha. Pinheiro-Machado & Scalco (2012, p. 108) descrevem os “bondes de marca” como uma nova forma de sociabilidade juvenil e afirmam que os jovens que deles participam se identificam e diferenciam entre si adotando símbolos globais de consumo, que são incorporados de uma maneira particular, a fim de marcar território, poder e pertença. E mesmo sendo de uma classe mais pobre, completam Pinheiro-Machado & Scalco (2012, p. 108), o uso de marcas originais, sobrevalorizadas pelos seus membros, prevalece. Tal

descrição parece corresponder, adequadamente, ao “pinta” no contexto natalense e, por isso, a adotamos neste trabalho.

A rede

Em nossa pesquisa, conforme o grafo a seguir, dois nós se comportaram como hubs na forma de autoridade na rede. O perfil @tribunadonorte, do jornal diário Tribuna do Norte, tem na rede analisada 23 arestas, nenhuma delas direcionada a partir do perfil, tendo o maior grau de autoridade e nível de centralidade da rede. Em seguida, destaca-se o perfil @BlogdoBG, do Blog do BG, com 19 interações diferentes, manifestadas em arestas, sendo apenas uma direcionada a partir de si.

Figura 1. Grafo das manifestações sobre Protesto dos Pintas



Análise do discurso

A fim de reconhecer e analisar o discurso que se manifesta na rede e a construção de sentidos operados em torno do #ProtestodosPintas, decidimos selecionar, dentre o corpus coletado, as publicações de textos nos sites relacionados aos perfis relacionados como hubs em nossa rede (@tribunadonorte e @BlogdoBG) apontados no Twitter. Para isso recorreremos às noções de Foucault (2008) e Charaudeau (2006).

Foucault (2008) entende que o discurso é o lugar onde se exerce o poder. Discurso e linguagem confundem-se com situações específicas em que se manifestam relações sociais que apontam relações de poder. Talvez por isso mesmo o discurso pode ser percebido com um ponto de continuidade do que veio antes – o discurso do sujeito não é original, mas só é possível porque alguém já o falou antes dele. E outro lhe dará prosseguimento.

Mas, para Foucault, o discurso é mais que isso, sendo entendido como categórico, decisivo, pertencendo à ordem das leis. E se é poderoso, diz Foucault (2008), seu poder “é de nós, só de nós, que lhe advém” (p. 7). O discurso é produzido de tal maneira que possa manter-se controlado, organizado, selecionado, entre outros elementos que servem para avaliar riscos, acumular poder, dominar o acontecimento e desviar a atenção de sua materialidade (Foucault, 2008, p. 9). Essa linguagem discursiva, produto de poder e sua manifestação, pertencente à lei, até por isso, exclui de diversas maneiras - é preocupação de Foucault (2008) detectar os mecanismos da linguagem que, ao mesmo tempo em que garantem a manutenção do poder, excluem do discurso sujeitos diferentes por diferentes motivos.

Uma das maneiras mais evidentes de exclusão é a chamada interdição de linguagem: só fala quem tem poder, e a fala realiza esse poder, instituindo-o no sujeito que pronuncia o discurso. Outra ferramenta de exclusão é a separação e a rejeição⁴. O discurso é então a instância em que se exerce o poder de separação dos elementos e sujeitos que “devem” ser excluídos da sociedade: quem pronuncia o discurso, o faz, separando. A terceira forma que o discurso exclui, segundo Foucault (2008), é através daquilo que ele chama de vontade da verdade: o discurso define o verdadeiro em oposição ao falso, sendo o verdadeiro instituído no poder do discurso. O que foge ao poder e ao discurso é excluído em prol da manutenção do poder. Quem se põe em choque com a dimensão discursiva vai ser excluído e segregado como um herege, uma vez que fala ou formula enunciados inassimiláveis aos padrões do discurso enquanto vontade da verdade. O herege, que desafia o discurso oficial, deverá ter sua fala interdita e será excluído do seu grupo social.

Os elementos expostos por Foucault (2008), que descrevemos acima, têm relevância para nossa análise dos tweets e posts publicados pelos perfis @tribunadonorte e @BlogdoBG e que contribuíram na construção dos sentidos acerca do Protesto dos Pintas, ao menos no ambiente do twitter, a partir da rede analisada em nosso trabalho, uma vez que podemos perceber em diversas dessas manifestações a exclusão por meio do discurso expresso - interdição do direito de se expressar em um protesto e exclusão dos Pintas, caracterizando a rejeição a seu protesto, além das afirmações peremptórias de uma pretensa “verdade” acerca dos sujeitos e dos eventos.

⁴ Um exemplo de como se constituem discursivamente a separação e a rejeição percebe-se na história da loucura. A palavra dos loucos sempre teve de ser excluída.

Em primeiro lugar, destaquemos as publicações que manifestam o poder de fala dos que atribuem o sentido do #ProtestodosPintas em detrimento de seus próprios participantes e realizadores. Desse modo, percebe-se que nos hubs analisados é de poucos o poder de fala - em geral da polícia ou críticos do movimento. Assim, no texto apontado pelo perfil @tribunadonorte em seu site na publicação "Policiamento ao redor do Midway será reforçado para 'Protesto dos Pinta' <http://tribuna.me/n87k1>" (Tribuna do Norte, 2013) é o coronel Alarico Azevedo, comandante do policiamento da capital (Natal/RN), que detém a principal fala. Em três parágrafos do texto, o coronel informa o aparato que estará à disposição "para evitar algum tipo de bagunça, atrito entre as pessoas e dano ao patrimônio público e privado". Apesar da disposição em evitar "bagunça", o coronel afirmou "que não se fala em brigas ou danos nas redes. 'A informação é que seria um protesto pacífico, um encontro dentro do Midway', ponderou".

Neste texto, o site do jornal Tribuna do Norte concede o poder de fala a dois envolvidos na organização do protesto, ainda que não os tenha entrevistado - apenas reproduziram comentários publicados em redes sociais da Internet. Ainda assim, o texto é modulado de tal maneira a levantar dúvidas acerca da realidade das alegações feitas que justificariam a organização do #ProtestodosPintas:

A manifestação tomou corpo a partir da divulgação do jovem Jordson Martins pelas redes sociais de que teria sido expulso do shopping pelos seguranças. A ação desses profissionais seria o desdobramento de outras ações, há algumas semanas, quando jovens de torcidas organizadas rivais teriam promovido baderna na praça de alimentação do estabelecimento. (...) A expulsão de Jordson teria acontecido concomitantemente à proibição do acesso de outras pessoas ao shopping sem q

ue estas tivessem cometido qualquer ato de vandalismo ou crime. A divulgação sobre a suposta atitude dos seguranças gerou comentários raivosos de internautas. “O critério para proibir a entrada do pessoal era a vestimenta e a cor da pele”, disse uma pessoa nas redes. A partir daí, uma série de comentários em desfavor da administração do shopping surgiu (Tribuna do Norte, 2013).

O jovem, segundo o jornal, “teria sido expulso” pelos seguranças do shopping cuja ação “seria o desdobramento de outras ações”. Além disso, a “expulsão de Jordson teria acontecido concomitantemente à proibição do acesso de outras pessoas ao shopping”. O uso de verbos condicionais tem, por efeito, colocar em dúvida a versão apresentada pelo jovem.

Tal construção, no entanto, não é utilizada quando o mesmo jornal relata, em outro texto apontado por publicação no twitter, como foi o #ProtestodosPintas e a ação policial (Mendes, 2013). Se por um lado, o jornal mantém a construção condicional para relatar a agressão de policiais contra os manifestantes, não faz esse uso quando relata a fala dos policiais. Assim, informa o jornal, que balas "de borracha foram disparadas e alguns jovens disseram ter sido agredidos por policiais”, pondo em dúvida a agressão relatada ainda que o mesmo texto afirme que um dos manifestantes que filmava a ação "teve a câmera arrancada da mão por um PM. Ignorando a presença da imprensa, o policial disse que jogaria o cartão de memória no lixo, para eliminar as imagens”.

O manifestante pôde falar no texto do jornal: “Ele tomou minha câmera e ainda me agrediu. Bateu em todo o canto do meu corpo e eu só estava filmando o protesto', disse o estudante de Direito, Hugo Fernandes”.

No entanto, ao relatar o que disse o comandante da PM, coronel Araújo Silva, não foram usados condicionais:

Pelo menos três jovens foram detidos, segundo o comandante da Polícia Militar, coronel Araújo Silva, por desordem, perturbação e depredação do patrimônio, e encaminhados para a Delegacia de Plantão da Zona Sul. Os três continuavam detidos até as 20h. Um policial chegou a ser atropelado pela própria viatura da polícia durante o confronto. O militar, que não teve a identidade revelada, foi encaminhado para o pronto-atendimento Clóvis Sarinho, e segundo o comandante, passa bem. (...) Em entrevista à TRIBUNA DO NORTE, o comandante da PM, coronel Araújo Silva, disse que a intervenção da Polícia foi necessária e avaliou que não houve abuso por parte dos policiais (Mendes, 2013).

Ainda que conceda fala aos manifestantes e questione a ação da polícia militar no evento, os textos publicados pela Tribuna do Norte reforçam que o poder de fala e de determinação dos sentidos atribuídos ao #ProtestodosPintas pertence a Polícia Militar, em especial seus oficiais comandantes.

O poder, nesses textos, pertence a forças policiais e a certo discurso que se coloca em oposição ao #ProtestodosPintas. Isso também se evidencia ao destacarmos que protestar é, por sua vez, a expressão de uma fala. Quem protesta ou o faz porque pode falar ou para que tenha o poder de falar. Desse modo, a repressão do protesto assim como falas que defendam tal repressão manifestam iniciativas de tentativa de interdição da expressão dos Pintas - para tais sujeitos que se colocaram contra o #ProtestodosPintas, os Pintas não têm nem podem ter o poder da fala.

Protestos sempre são considerados uma afronta por uma parcela da sociedade que se filia a um discurso que os vê sempre como confusão ou baderna. No entanto, nesse caso, as manifestações vão ainda mais longe nessa questão por, na verdade, exporem a tese de que aos Pintas, parcela marginalizada no imaginário social de determinado campo social, não deve ser concedido o direito de expressão nem o poder de fala na forma de um protesto. Há, aparentemente, um elemento de preconceito de classe e raça desvelado nessa expressão.

Estas ponderações nos conduzem a uma proposta analítica com base em Charaudeau (2006, p. 41), que compreende que a construção de sentido se dá através de dois processos, que ele chama de transformação e de transação. O processo de transformação sinaliza a passagem do “mundo a significar” em “mundo significado”. Esse processo aponta para operações de linguagem que fazem com que acontecimentos cotidianos possam ser transformados em informações. É a transformação do elemento da realidade social em notícia. Esse processo é analisado por Charaudeau (2006, p. 41) em cinco etapas.

A primeira delas é a identificação dos seres do mundo, nomeando-os. Nomear é um ato de poder e controle sobre o objeto nomeado. Foucault (2008) aprofunda a questão ao destacar que o discurso é uma “violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo caso”. A palavra e a nomeação se fundamentam em uma relação arbitrária que, no campo do discurso, é essencial para a organização dos sentidos – é preciso identificar as coisas do mundo, vinculando-lhes as representações das palavras.

No caso do discurso da informação a nomeação é parte do processo de identificação do mundo a significar no mundo significado. Ela se traduz pela descrição dos fatos a serem transformados em notícia, ou seja, sua identificação – de objetos, fatos e personagens.

Desse modo, não é à toa que o #ProtestodosPintas é nomeado como “noite de terror”, “tumulto”, “pânico”, “confusão”, entre outras expressões. É preciso dar nome e só pode dar nome ao protesto quem tem o poder de falar. Ao nomear, os usuários da rede assim como seus hubs sustentam o devido lugar que cabe aos Pintas e à sua manifestação. Tendo o poder de significar os eventos, qualifica-os de acordo com seus interesses interditando o direito de protesto e construindo um sentido negativo a seu respeito. Tal processo de transformação discursiva, segundo Charaudeau (2006, p. 41), é a qualificação das coisas nomeadas. Não basta nomear os objetos, citar os fatos e personagens. No fluxo de construção das informações e notícias esses elementos necessitam ser qualificados - provavelmente, a instância da construção e da operação discursiva em que as intenções e ideologias dos sujeitos que arregimentam o discurso são melhor expressas. A qualificação não é uma simples adjetivação dos sujeitos e das coisas – ela implica uma opinião, carregada de ideologia e intenção, constituindo-se em um dos elementos de enquadramento das informações e das notícias.

Em seguida, entram os elementos discursivos de narração propriamente dita. Trata-se de uma descrição das ações, nas quais se engajam os sujeitos e as coisas que foram consideradas no discurso, que Charaudeau (2006, p. 41) resume como sendo o fornecimento das razões e motivos das ações descritas. A narrativa acerca do #ProtestodosPintas, por exemplo, traduz uma “noite de terror”: “Protesto dos 'Pintas' causa tumulto e pânico no Midway” (Blog do BG, 2013).

O trabalho de equilibrar todos esses elementos em um único enunciado é chamado por Charaudeau (2006, p. 41) de modalização. Ao modalizar, o sujeito-autor avalia os seres nomeados no discurso, suas propriedades, ações e argumentos, elencando os elementos operacionalizados que melhor traduzem suas intenções comunicativas e a ideologia presente em seu enunciado. A tarefa de equalizar as informações arregimentadas não é neutra ou objetiva, mas atende

a elementos subjetivos e intenções discursivas do sujeito-autor. Ao selecionar os elementos que comporão seu texto dentre os disponíveis no mundo a significar, o sujeito elege um mundo significado de acordo com seus interesses e intenções, enquadrando o real a fim de construir uma determinada perspectiva da realidade social a ser transmitida no texto informativo produzido.

O mundo significado, manifesto no enunciado, por exemplo, do texto jornalístico, é a formatação concreta da construção discursiva e linguística, promovida pelo sujeito-autor, carregada de sua subjetividade, ideologia, visão de mundo e intenção comunicativa. O processo de transformação do discurso da informação tem lugar do lado do sujeito que se coloca na situação de transformar um mundo a significar em mundo significado.

Por isso mesmo não há neutralidade quando por exemplo, no texto distribuído pelo perfil @tribunadonorte que analisamos acima, há um uso do condicional pondo em dúvida os relatos acerca da violência dos seguranças do shopping center contra os "pintas" ou na ação policial que reprimiu o protesto.

Tais sentidos negativos acerca do protesto foram sedimentados a partir do processo de transação, conforme descrito por Charaudeau (2006). A construção de sentidos acerca dos eventos em torno do #ProtestodosPintas, a nossa análise demonstra, resulta, dos próprios textos jornalísticos⁵ e das relações que os usuários das redes sociais, leitores dos textos e dos perfis, estabelecem: é na relação que os sentidos se constroem.

⁵ Um exemplo de como se constituem discursivamente a separação e a rejeição percebe-se na história da loucura. A palavra dos loucos sempre teve de ser excluída.

A percepção contrária ao #ProtestodosPintas manifesta na rede que analisamos é, portanto, resultado de um complexo jogo em que se relacionam os posicionamentos ideológicos dos usuários que interagem e dos hubs da rede, os textos jornalísticos constituídos a partir de uma perspectiva que visa interditar os discursos e as manifestações dos “pintas” e, consolidando tudo isso, a própria constituição da rede e de suas interações que, por fim, estabelece e sedimenta uma visão amplamente contrária ao #ProtestodosPintas e, mais que isso, ao poder de fala e ao direito de manifestação de tais sujeitos.

Considerações finais

Sabemos que o papel de autoridade na interpretação dos acontecimentos sociais normalmente é desempenhado, principalmente, pelos meios de comunicação de massa, que cria o constructo social da notícia a partir de valores que circulam no meio social. Tais valores, sabemos, podem ser mercadológicos ou mesmo culturais, quando fazem parte da identidade dos sujeitos daquele espaço. No entanto, como bem lembra Latour (2012), o papel de porta-voz existe mesmo nos acontecimentos em redes digitais “para delinear um grupo”. Ainda que esses porta-vozes não dialoguem com os agrupamentos sociais que se formam, sujeitos e instituições detentores de certo capital simbólico se erguem procurando, a todo custo, definir socialmente os grupos recém-formados nas redes sociais.

Para muitos autores, entre eles Lévy (1999), as mídias tradicionais (como televisão, rádio, revista e jornal) seriam dispositivos de comunicação de um para muitos. Já o telefone, inicialmente, se configuraria por ser um aparelho que permite conexões interpessoais. Depois, é que o celular se tornou um dispositivo híbrido e o maior símbolo da convergência digital da atualidade. Enquanto isso, as conexões estabelecidas através da rede mundial de computadores fariam parte de uma dimensão comunicacional de muitos para muitos. O ciberespaço, segundo Lévy (1999, p.63) seria um “dispositivo comunicacional original, já que ele permite

que comunidades constituam de forma progressiva e de maneira cooperativa um contexto comum”, em que as mensagens são trocadas, normalmente, de forma transversal.

Nesse estudo descartamos essa premissa de Lévy (1999): o agenciamento do discurso e a intenção comunicativa não aconteceram de modo horizontal, trasnversal e dialógico. O “dispositivo” comunicacional aqui analisado está mais para os dispositivos foucaultianos que indicavam tecnologias do poder. Então seria o caso de se questionar as inúmeras expectativas que a internet, ou o convívio digital, proporcionam. A ideia de que a mídia individual seria uma mídia de muitos para muitos é desconstruída ao analisamos o discurso que direciona os constructos sociais dos acontecimentos. A tensão analítica aponta para o contraditório e para a desconstrução do status conceitual das mídias digitais.

Desperta-nos para o fato de que noção de minoria em suas várias remissões é bastante complexa porque não expressa nem se opõe apenas de forma quantitativa a maioria. No caso analisado, dois sujeitos surgem como autoridade e se expressam em um estado de poder e dominação no que se pressupõe a ser o padrão dos enunciados. O @BlogdoBG e a @TribunadoNorte constroem a realidade e impõem os significados circulantes. De repente os jovens que se embriagavam em suas incursões nos rolezinhos do shopping para marcar suas preferências, gostos e hábitos de consumo se transformam em “bárbaros”, são desqualificados na ação social.

Para entendermos o agenciamento das palavras de ordem que se transformam em enunciados centrais no discurso da informação e na própria ação comunicativa, recorreremos mais uma vez a Deleuze e Gattari (1995). Para eles, toda realidade é construída, não é dada ou evidente, o que nos ensina sobre os riscos de inventar/inverter realidades.



Finalizamos, lembrando que toda teoria reconstrói e identifica apenas alguns rastros considerados centrais na realidade a partir do ponto de vista do observador, deixando de fora outros pontos de vista que não foram inferidos na prática da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, G. (2004). *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Baudelaire, C. (2004). *Pequenos poemas em prosa: Obras Póstumas*. São Paulo: Record.
- Blog Do Bg. (2013) *Noite de terror: Protesto dos "Pintas" causa tumulto e pânico no Midway*. Recuperado em 18 mar 2014 de <http://blogdobg.com.br/noite-de-terror-protesto-dos-pintas-causa-tumulto-e-panico-midway/>
- Charaudeau, P. (2006) *Discurso das mídias*. Angela, S. M. C. (trad.) São Paulo: Contexto.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2008). *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (vols. 1 e 2). (5ª reimp.), São Paulo: Editora 34.
- Foucault, M. (2008). *A ordem do discurso*. (17ª ed.). Sampaio, F. de A. L. (trad.). São Paulo: Loyola.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Mendes, A. (2013). *'Protesto dos Pinta' acaba em confusão no Midway*. Recuperado em 18 mar 2014 de <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/protesto-dos-pinta-acaba-em-confusao-no-midway/270046>
- Pinheiro-Machado, R., & Scalco, L. M.. (2012, February). Brand Clans: Consumption and Rituals Among Low-income Young People in the City of Porto Alegre. In *International Review of Social Research*. 2 (1), 107-126.



Tribuna do Norte. (2013). *Policiamento ao redor do Midway será reforçado para 'Protesto dos Pinta'*. Recuperado em 18 mar 2014 de <http://tribunadonorte.com.br/noticia/policiamento-ao-redor-do-midway-sera-reforcado-para-protesto-dos-pinta/269953>